

## **Resenha. NOSELLA, Paolo. Ensino Médio à luz do pensamento de Gramsci. Campinas, SP: Alínea, 2016**

**Cláudio Eduardo Félix dos Santos**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Cefelix2@gmail.com

O livro do professor Paolo Nosella chega a público em um momento de acelerado ataque e tentativas de esvaziamento da formação humana, especialmente com a reforma do Ensino Médio dirigida por um governo ilegítimo e golpista instalado no Brasil desde maio de 2016, ano da publicação do referido livro. Esta reforma foi aprovada pelo congresso nacional e sancionada na íntegra no dia 16 de fevereiro de 2017 (Lei 13.415). Na verdade o que está em curso é um retrocesso que remete à Lei 5692 da Ditadura militar que conferia certificação formal dividindo a formação dos jovens em científica e profissional, ou seja, entre os que elaboram e os que executam, entre os que dirigem e os que são dirigidos, cindindo ainda mais o acesso ao conhecimento e as escolhas dos adolescentes e reduzindo a educação dos adolescentes das camadas subalternas apenas à preparação para o disputado “mercado de empregos” ao esvair de conteúdos e métodos a formação da juventude que faz uso da escola pública.

Esvaziar é tornar vazio, tirar a importância, a significação, o conteúdo, a razão de ser de algo. Em uma sociabilidade pautada em relações de exploração e dominação é fundamental que as classes dominantes operem para o esvaziamento de instituições como a escola básica que tem a função, ou deveria ter, de oportunizar os conteúdos necessários e os melhores métodos para desenvolver nos indivíduos a compreensão do mundo para além de sua aparência imediata.

Na luta contra o esvaziamento da formação humana, o livro do professor Paolo Nosella, explora questões que contribuem para uma profunda reflexão sobre os princípios, finalidades e possibilidades de organização do Ensino Médio numa defesa intransigente da luta pela formação de dirigentes da sociedade que se contraponham às proposições de

formação de gerentes das relações de exploração e dominação. Trata-se de um material que apresenta rica discussão teórica e compromisso político na defesa de uma escola que oportunize aos jovens a máxima apropriação da cultura e não apenas a formação profissional e “praticista”.

O livro é oriundo de palestras e publicações em periódicos ao longo de mais de vinte anos de pesquisas, debates e embates do autor em relação ao tema. O texto está organizado em seis capítulos, um prefácio elaborado pelo professor Antônio Joaquim Severino e os posfácios dos professores João Virgílio Tagliavini, Vagno Dias e Jarbas Maurício Gomes.

Preocupado com a necessidade de problematizar e construir o que fazer na prática educativa, o professor Nosella anuncia a tese que dá unidade ao seu livro:

Aos adolescentes (todos) do Ensino Médio, de 14 a 18 anos, deve ser garantida uma formação de cultura geral, moderna e humanista, de elevada qualidade; sendo o estudo um trabalho muitas vezes mais duro e árduo que outras atividades do mercado, muitos adolescentes as “escolhem” por razões superficiais, imediatistas e utilitárias e não pela razão profunda recôndita em sua consciência; se a desumana necessidade da família os empurra para a profissionalização precoce, cabe ao Estado intervir, remunerando seu trabalho/estudo, garantindo, com isso, a indefinição profissional, direito natural dessa fase etária, sem assistencialismo ou subterfúgios didáticos.” (NOSELLA, 2016, p. 9).

A tese anunciada é uma indicação de antíteses para o enfrentamento às propostas hegemônicas – e muitas contra-hegemônicas<sup>1</sup> - de organização do Ensino Médio. No capítulo quinto, ao fazer a interlocução com colegas do ensino profissional, Paolo Nosella destaca um ponto de atenção que diz respeito à necessidade de textos que explicitem, além da constatação crítica do problema da formação de jovens adolescentes, propostas de políticas públicas para construir um vigoroso sistema unitário de Ensino Básico. Segundo o autor, é urgente a necessidade de elaboração de antíteses, de perspectivas contrárias aos *status quo* (tese) que limita as possibilidades de formação humana ampla dos adolescentes. Portanto, entendo que a tese central anunciada no livro indica antíteses provocadoras de construção de sínteses. Afinal, como afirma na página. 137, “uma vez que a síntese é sempre imprevisível e a tese (neoliberal) luta ferrenhamente para conseguir integralmente a vitória, cabe ao militante apresentar sua antítese (escola unitária) na forma plena e integral [...]”.

Desdobrando sua tese (“antitética”), as reflexões transcorrem acompanhando uma lógica de organização textual tendo por estofo a filosofia da *práxis*. Estas reflexões exploram

problemáticas político-pedagógicas, filosóficas, semânticas e da luta militante por uma educação para além dos limites impostos pelo sistema da propriedade privada dos grandes meios de produção.

No primeiro capítulo, intitulado “o ensino de 2º grau”, apresentado originalmente como uma conferência realizada no Congresso Estadual de Educação em São Paulo no ano de 1991, Nosella questiona: Qual a função e a especificidade deste nível de ensino? Seria um ponto terminal de um processo escolar ou é uma fase meramente transitória? Nas páginas deste capítulo o autor explora o princípio educativo do trabalho, a diferença entre trabalho e emprego, bem como as perspectivas de organização do Ensino Médio nos últimos anos. O autor avalia que uma das dificuldades para definir a especificidade pedagógica do Ensino Médio se encontra no próprio método e concepções de organização do trabalho educativo para os adolescentes, os quais se restringem ao entendimento de que as novas gerações devem adaptar-se à sociedade de forma passiva, obediente. Paolo Nosella esclarece que diferente do ensino fundamental, no qual a centralidade é a apropriação dos principais instrumentos da ciência e da cultura como algo formalmente ensinado; no segundo grau o jovem, em sua etapa de desenvolvimento, “reiventa” (e por isso “recria”) esses instrumentos [...]. O segundo grau é, portanto, um ensino marcadamente histórico e renovador e, dessa perspectiva deve assumir sua autonomia didático-metodológica” (p. 21). O autor identifica dois princípios fundamentais para o Ensino Médio: o primeiro seria o trabalho moderno, sua história, valores leis e potencialidades; o segundo é o “exercício racional e sistemático da autonomia, da criatividade e da responsabilidade humana” (p.22).

Dialogando com pesquisadores Marxistas que se apoiam no conceito de politécnica, Paolo Nosella expõe sua divergência com esta categoria no segundo capítulo do livro. Analisando semântica, histórica e politicamente o termo - desde Marx, Lenin e a crítica à utilização por parte de pesquisadores brasileiros - o autor, à luz do pensamento de Gramsci, entende que a politécnica não seria a perspectiva formativa mais adequada para os jovens. A expressão politécnica está ultrapassada e sua desatualização se fundamenta em pelo menos três aspectos: 1. a equivocada tradução e interpretação do termo; 2) A inadequação do uso de uma expressão outrora coerente para um dado momento histórico (a concepção era pertinente quando Lenin e os educadores bolcheviques em certo período da Revolução Russa a utilizaram); 3) do ponto de vista político e pedagógico, limita a formação humana ao aspecto de formação técnica e profissional, como afirma o autor: “pode-se concluir que, para Gramsci

(1975b), a dificuldade principal de se utilizarem as expressões ‘educação politécnica’ ou ‘tecnológica estava no fato de esses termos deslocarem o foco de análise do ser humano para o seu instrumento de trabalho” (p.42). Ao modo de Gramsci e Manacorda, o autor defende a escola unitária, a qual desenvolve com mais vagar no capítulo 3.

A escola unitária não se confunde com a escola única. Para explicar a diferença entre os termos, o autor afirma que a palavra “única” encerra uma ideia de exclusividade e quantidade. Já a expressão unitária reporta-se ao campo conceitual que diz respeito à unidade, que tende a unificação. Daí a importância de uma escola unitária de massas (não confundir com escola ou currículo uniforme), uma escola de cultura geral, humanística e formativa no sentido desenvolvido por Gramsci em seus escritos. Portanto, uma educação escolar que contribua para a transição do reino da necessidade ao reino da liberdade, compreendendo os limites da educação escolar neste processo. Quanto a isso pondera Paolo Nosella: “a escola unitária é uma perspectiva, porque a unitariedade escolar cresce pari passu com a unitariedade cultural e econômica da sociedade” (p.49). Uma escola da liberdade, digamos assim, é um objetivo que deve ser produzido ainda no reino da necessidade, considerando a dinâmica da realidade brasileira e internacional. Trata-se de um processo constante, fruto das lutas do dia a dia de educandos, educadores e das organizações da classe trabalhadora.

Ao revisitar os escritos de seu livro “A escola de Gramsci”, publicado em 1992, o capítulo explora elementos novos a partir da atualização dos estudos gramscianos no que diz respeito a questão político-ideológica do revolucionário Italiano; a linguística; ao historicismo e a dialética; bem como o tema da escola unitária. Quanto a este último aspecto, Paolo Nosella informa que Gramsci entendia haver três tipos de escola: a profissional, a média técnica e a clássica. “A primeira para os operários e camponeses; a segunda para os pequeno burgueses, a terceira para a classe dirigente”. (p135). Neste interim, no atual debate sobre a reforma do Ensino Médio no Brasil, três seriam as tendências mais destacadas para a organização do trabalho educativo a saber: 1) a tendência mercadológica que defende a escola técnica e profissionalizante; 2) a tendência reformista, defensora do Ensino Médio integrado à educação profissional propondo um Ensino Médio multiforme e não unitário e; 3) a tendência revolucionária a qual propõe uma escola média unitária, que se contraponha a política conciliatória dos ‘pequenos passos’ e supere a concepção de escolarização básica que subestima a capacidade das massas em se apropriar das formas clássicas e profundas da

cultura humana sob a infeliz alegação de que esses conteúdos são abstratos demais para o povo e para os jovens da classe trabalhadora.

Importante destacar a preocupação efetiva/afetiva de um pensador e militante da causa da educação que é também pai de uma filha adolescente, Laura, a qual o livro é dedicado. Além disso, no capítulo terceiro o autor faz menção a outra filha adolescente, a Paola, que no ano de 2009 se via enredada, como tantos adolescentes, na escolha do curso universitário. Desta experiência, o autor concluiu que a indefinição de sua filha não era um estado de inércia, mas uma busca racional, coletiva e interior que o entorno social, especialmente a escola, a pressionava por uma precoce definição profissional, “em vez de discutir com ela temas de cultura geral relevantes” (p. 67). Isso levou Nosella a defender o “direito à indefinição profissional, ativa e heurística, pelo menos até os 18/20 anos, para todos os jovens adolescentes”. Mas, “para todos?” Mediante a realidade objetiva e as contradições postas pela propriedade privada e a divisão de classes ele faz menção a outro adolescente do seu convívio, o Michael Leão, filho da empregada doméstica que trabalhava em sua casa. Michael tinha 13 anos e cursava a 7ª série e dizia a sua mãe que queria ser como o autor do livro: “trabalhar em universidade, escrever, viajar, ou então, ser mecânico ou tapeceiro” (67). Entretanto, diferentemente de Paola, a necessidade matará o direito de Michael à indefinição da escolha profissional por um período mais prolongado, como pondera Nosella. O autor reivindica que o Estado priorize em suas políticas públicas de reformas, o Ensino Médio não profissionalizante e possibilite à família de Michael sobreviver sem a contribuição imediata deste adolescente. (p. 68). Contudo, compreendendo os limites das reformas no Estado burguês, levanta o tema da revolução e o papel do educador marxista. Explorando a diferença entre insurreição e revolução, ele afirma: “existem datas precisas e memoráveis referentes às insurreições sociais, mas não existem datas pontuais referentes às revoluções enquanto total mudança dos sistemas sociais. Ora, é a revolução que interessa aos educadores marxistas, não a insurreição, mesmo que esta, raras vezes, tenha sido parteira daquela”. (p. 50).

As muitas questões e reflexões suscitadas pelo professor Paolo Nosella estimulam o debate por uma dada perspectiva de Ensino Médio: unitário, moderno, humanista, que ultrapasse as fronteiras do imediato, do cotidiano e dos limitados objetivos de qualificação profissional para o mercado. A dura realidade que impacta as possibilidades de uma educação que visa a autonomia e criatividade não pode ser empecilho para o estabelecimento de objetivos educacionais mais avançados, como os desenvolvidos na obra. Neste momento

histórico, o livro “Ensino Médio à luz do pensamento de Gramsci” apresenta-se como importante ponto de apoio aos educadores, educandos, militantes no difícil combate de transição do reino da necessidade ao reino da liberdade.

## Notas

---

<sup>i</sup> No livro o autor faz uma rigorosa crítica a autores e teorias de esquerda que defendem o princípio da politécnica na formação humana, em especial no Ensino Médio.

## Sobre o autor

### **Cláudio Eduardo Félix dos Santos**

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2011). Atualmente é professor adjunto na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) onde leciona nas licenciaturas e no Programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade. Possui graduação em história pela Universidade de Pernambuco (1998), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2004) e Pesquisador do Museu Pedagógico: Grupo de Pesquisa Estudos Histórico-Críticos em Educação (GPEHCE-UESB), do Grupo de Estudos Marxistas em Educação (UNESP). Desenvolve e orienta pesquisas abordando a relação entre memória, luta de classes e educação buscando contribuir com os estudos da teoria da prática educativa histórico-crítica, bem como com a investigação das memórias e história de educadores e experiências educativas contra-hegemônicas.